



## DESEJO, TENSÃO E CONTRADIÇÃO NO DISCURSO DO “IGREJA NOVA”

Fabiana Ferreira Nascimento de Souza<sup>1</sup>

IGREJA NOVA...

A Igreja Católica – instituição religiosa que se intitula a única herdeira das promessas de Cristo por intermédio de Pedro, o apóstolo – que se acha divina, mas é humana, falível e jurídica – tem influenciado a vida de milhões de indivíduos durante todo o seu tempo de existência.

Das diversas leituras sobre qual é a verdadeira missão de Jesus na terra, (e conseqüentemente da Igreja Católica) homens e mulheres se puseram a reivindicar a verdade apostólica: Anunciar o Reino que Deus preparou no Paraíso – postura assumida pelos conservadores – ou lutar por uma Igreja divina aqui na terra – missão abraçada pelos progressistas?

Contra o conservadorismo, que engessava a Igreja, levantaram-se diversas frentes, até que em 1962, o Papa João XXIII inaugurou o Concílio Vaticano II, instaurando, na instituição Católica Apostólica Romana, uma visão otimista e popular, que olhava, prioritariamente, para as novas oportunidades oferecidas pela evolução do mundo. O sucessor de João XXIII – Paulo VI – acolheu as ideias do Concílio e deu continuidade a ele. Mas uma parcela significativa da Igreja impediu que o Concílio seguisse em frente

Esse é o ponto crucial da história para o nosso trabalho. Nas comunidades de Olinda e Recife, onde se vivia, ou se tentava viver a Teologia da Libertação – movimento que aspira à libertação de toda forma de escravidão, defendendo uma prática ativa do Evangelho, agindo, especialmente, pelo pobre – foi tomada pelo reflexo da ação reestruturadora do Papa João Paulo II, na pessoa do Bispo Dom José Cardoso Sobrinho – que substituiu Dom Hélder Câmara, rotulado como o “Bispo dos pobres”.

Iniciou-se o magistério da proteção da Igreja contra os assaltos do mundo moderno. Todavia os progressistas de Olinda e Recife não assistiram a tudo de braços cruzados. Surge, então, nessas condições, o Boletim Igreja Nova que logo se transformaria no Jornal Igreja Nova – espaço que se propunha a dar vez e voz aos cristãos que desejassem se expressar livremente. Esse era um jornal que pretendia colocar-se a serviço dos menos favorecidos assim como de todos aqueles que se sentiam tolhidos pelos que defendiam a Igreja hierárquica.

O funcionamento discursivo do Jornal Igreja Nova – que afirma praticar a Teologia da Libertação – é o alvo de nossas análises nesse trabalho. Interessa-nos saber qual é o lugar ocupado pelo discurso do Igreja Nova, tanto em relação ao discurso oficial da Igreja, quanto ao discurso da Teologia da Libertação em outros âmbitos. Para tanto, fizemos a opção teórica pela Análise do discurso pecheuxtiana, que, ao se distanciar do pensamento positivista, promove uma ruptura

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística; UFPE.



epistemológica com os estruturalismos, contemplando, assim, aspectos linguísticos indissociáveis dos processos sócio-histórico-ideológicos que marcam tais efeitos de sentido.

A história da Igreja – com ênfase na constituição da Teologia da Libertação e nos conflitos resultantes da retomada do controle por parte dos conservadores; a AD francesa, enquanto teoria que norteará as nossas análises; a descrição e a interpretação do discurso do Igreja Nova constituirão o caminho que pretendemos trilhar para conseguir analisar os efeitos de sentido produzidos neste corpus de análise organizado a partir da leitura dos exemplares compreendidos entre agosto de 1991 e julho de 1998. Metodologicamente, utilizaremos sequências discursivas que evidenciem o que há de recorrente no discurso do Igreja Nova.

### TEORIZANDO...

A análise do discurso, originada na França, surge apoiada sobre o campo político. Portadora de uma crítica ideológica, nasce com anseios transformadores, almejando combater os formalismos excessivos vigentes em sua época, ao mesmo tempo em que anseia por tornar as relações analíticas menos automáticas, pois, mesmo que Pêcheux demonstrasse um desejo por encontrar um modo de leitura perfeito da materialidade discursiva, perde essa ilusão ao se dar conta da opacidade da língua e das falhas na interpelação do sujeito.

No desejo de dar início à leitura, descrição e interpretação dos enunciados no Jornal Igreja Nova, anunciado na seção anterior, trataremos objetivamente de alguns conceitos que são caros à AD pecheuxtiana, tais como: Formação discursiva; sujeito e memória.

Entende-se, à luz de Pêcheux que o conceito de Formação Discursiva – terminologicamente derivado de reflexões de Michel Foucault, em *A Arqueologia do Saber*, consiste naquilo que pode e deve ser dito numa conjuntura dada, sem destituí-la do atravessamento ideológico. Logo concluímos que palavras ou expressões não possuem sentido *per se* e, sim, na dependência das posições ideológicas que estão presentes nos processos sócio-históricos em que tais palavras ou expressões estão imersas.

Não deixemos de destacar que os sentidos só existem em contato com outros sentidos, dialogando com dizeres presentes, ausentes, dentro de uma mesma FD ou fora dela. É por isso que o papel do que Pêcheux (2009) rotulou como interdiscurso é determinante na constituição da FD, trazendo para a nossa compreensão dizeres e saberes existentes, desde sempre, em outros lugares. O Interdiscurso é, pois, aquilo que fala antes, em outro lugar e de forma independente. Define-se como o saber discursivo que torna possível todo dizer. Eclode no discurso atualizado sob a forma do já-dito, do pré-construído, do sempre-já-ali.

É ainda no interior da FD que o sujeito do discurso se constitui, não como indivíduo e, sim, como um “efeito ideológico elementar” (Pêcheux, 2010, p. 31), já que é enquanto sujeito que o indivíduo é interpelado ideologicamente. E o termo “elementar” – que faz parte da primeira definição



de sujeito usada por Pêcheux (2010) – demonstra que o sujeito é sujeito desde sempre, e isso não é consequência de coisa alguma.

Como não podemos conceber a existência do sujeito não interpelado pela ideologia, devemos reafirmar que a interpelação do indivíduo em sujeito ocorre pelas “formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (Pêcheux, 2009, p.147). Logo concluímos ser impossível fazer alusão ao sujeito discursivo sem enxergá-lo como elemento de uma FD. E como se dá então essa identificação do sujeito com a FD que lhe é correspondente? Segundo Pêcheux (2009, p. 150), não existe prática discursiva sem sujeito e esse se identifica com a forma-sujeito ou com o sujeito universal que guia os saberes de uma determinada FD.

Quando Pêcheux (2009, p. 198) afirma que a interpelação acontece “pela **identificação** do sujeito com a formação discursiva que o **domina**” (grifo nosso), temos a impressão de que esse conceito de FD é fechado, homogêneo e só admite que o sujeito discursivo se manifeste em consonância com a forma-sujeito da FD na qual está inserido, entretanto, no mesmo capítulo, Pêcheux introduz uma reflexão sobre as diversas modalidades de tomada de posição do sujeito em relação à FD da qual faz parte.

A primeira modalidade diz respeito ao que Pêcheux (2009, p. 199) designou como “superposição entre o sujeito da enunciação e o sujeito- universal”. Nesse caso, existe uma identificação total entre o sujeito discursivo e a forma-sujeito da FD. Essa forma de identificação é tida como o discurso do “bom sujeito”, que reproduz os saberes de tal FD, pois desta sofre uma cega determinação. Seguro de que a superposição entre o sujeito discursivo e a forma-sujeito da FD não seria a única maneira de existência subjetiva, Pêcheux enuncia mais duas modalidades de tomada de posição.

A segunda modalidade é compreendida como a que traz o sujeito enunciativo contrapondo-se, em alguma medida, ao sujeito universal. Teríamos, então, aí, o discurso do mau-sujeito. Há, nessa modalidade, uma contra-identificação com a forma-sujeito da FD, o que não levaria a uma ruptura com a FD em questão e, sim, a um questionamento dos saberes que lhe são atribuídos.

Na terceira modalidade, o que há é uma completa desidentificação entre a posição-sujeito e a forma-sujeito da FD. Não é à toa que Pêcheux (2009, p. 201) rotula essa modalidade como sendo uma “tomada de posição não-subjetiva”. Afirma que deixou de haver, entre o sujeito discursivo e o sujeito universal, qualquer representação que os vincule. Ocorre, então, um “desassujeitamento, ruptura ou fragmentação do sujeito” (Pêcheux, 2009, p. 201) em relação à forma-sujeito de uma determinada FD. O que não significa o fim do assujeitamento, a libertação da ideologia, pois, quando um sujeito não mais representa os saberes de uma FD, automaticamente, assujeita-se a outra FD.

Se na AD, a linguagem é concebida como a que simboliza e constitui a realidade, trazendo à tona o sujeito – interpelado pela ideologia e imerso na história, então fazer referência à



história é concebê-la numa perspectiva de movimento organizador da própria realidade. Daí podemos pensar, finalmente, no conceito de memória discursiva. Courtine (2009, p. 104) resume seu conceito dizendo:

Toda formulação apresenta em seu domínio associado outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega... isto é, em relação às quais ela produz efeitos de memória específicos; mas toda formulação mantém igualmente com formulações com as quais coexiste (seu "campo de concomitância", diria Foucault) ou que lhe sucedem (seu "campo de antecipação") relações cuja análise inscreve necessariamente a questão da duração e da pluralidade dos tempos históricos no interior dos problemas que a utilização do conceito de FD levanta.

Podemos então entender que esse conceito de memória diz respeito à existência histórica do enunciado "no seio de práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos, isto significa que ela diz respeito aos enunciados que se inscrevem na FD, no interior das quais ela recebe seu sentido.". (Indursky, 2011, p. 86).

#### AS ANÁLISES...

Pensando no papel do Jornal Igreja Nova como foi descrito sucintamente na introdução desse trabalho, façamos alguns questionamentos para nos nortear nas análises:

1. O que se instaura como diferente no discurso do Jornal Igreja Nova? Ele permanece na FD religiosa católica?
2. Quais são as contradições encontradas no discurso do Jornal Igreja Nova?

Observemos as seqüências discursivas a seguir e tentemos encaminhar as reflexões propostas acima:

**Sd 1:** Com efeito, os frutos que a Igreja tem gerado para a humanidade são incomensuráveis e esta é a prova mais viva da ação do Espírito do Esposo que a guia na adversidade como também nos momentos mais cristãos; no entanto cabe a todos os seus filhos orar, agir, atuar, denunciar, questionar, interpelar, enfim, dentro de suas possibilidades e carismas, trabalhar para que ela seja cada vez mais o modelo de esposa desejada por cristo. Eis o nosso trabalho. Eis a nossa oferta a esta tão amada mãe. (maio/junho de 1992 – NOSSA MÃE IGREJA, SÉCULO XVII (PARTE 1)).

A Sd 1 foi retirada da seção NOSSA MÃE: A IGREJA, que traça uma trajetória histórica sobre a Igreja apresentando suas mazelas, mas sempre defendendo que vale a pena lutar por ela. É usada a figura da MÃE para representar a Igreja e a do ESPOSO para representar Jesus – a segunda pessoa da santíssima trindade. O fato de o Jornal se dizer Igreja perpassa o seu discurso de luta por ela – mesmo que o conceito de Igreja respeitado pelo Jornal, em consonância com a TL, seja bem diferente do entendido naquele momento de conflito. Afirmar que os frutos da Igreja são incomensuráveis revela o porquê que o Jornal é Igreja, no entanto outro elemento causal os motiva a permanecer nela: a certeza de que é a ação do espírito de Deus/Jesus que a guia em todos os momentos (*Com efeito, os frutos que a Igreja tem gerado para a humanidade são incomensuráveis e*



*esta é a prova mais viva da ação do Espírito do Esposo que a guia na adversidade como também nos momentos mais cristãos*). É por esse recorrente discurso de que Deus guia a Igreja; de que a Igreja católica é a única instituída por Deus que concluímos o porquê de o Jornal insistir em não se desvencilhar da Igreja. Contudo há condições, vindas de outros lugares, que delineiam o modelo de Igreja reivindicado no imaginário do Jornal, que se materializa numa injunção: *cabe a seus filhos: orar, agir, atuar, denunciar, questionar, interpelar...* O que nos mostra que quem não ora, não age, não denuncia, não atua... não é filho dessa Igreja, subvertendo, no entanto, as características essenciais pregadas pelo então Bispo quando afirma que o modelo de Igreja em seu episcopado consistiria no respeito à prática de uma vida cristã religiosa e espiritual em que todos os fiéis conhecessem as verdades nas quais se devem crer para que se viva em santidade, de acordo com os mistérios de Deus.

**Sd 2:** Poderíamos sentar antes da ceia, e, com a família, abrir um velho álbum; nele visitar os quiosques, as retretas, os pastoris, a Missa Oficial com as autoridades militares, civis e eclesiais. Poderíamos pousar para mais uma foto deste álbum, com os parentes de roupa nova, compradas na última liquidação de algum shopping. [...] há que colecionasse cartões ou telefonemas, que chore de emoção nesta data, quem saia da dieta para recomeçá-la após o ano novo... (Dezembro de 1994 – como celebrar o natal em Olinda e Recife).

Podemos ver, na Sd 2, a descrição de uma possibilidade de Natal com a qual o leitor só poderia identificar-se se ao menos conhecesse alguns desses elementos: *abrir um velho álbum; nele visitar os quiosques, as retretas, os pastoris, a Missa Oficial com as autoridades militares, civis e eclesiais*. Vemos aqui traços do discurso burguês que escaparam... num “sem-querer” inconsciente que o torna incongruente com a realidade dos leitores que não se identificam com a possibilidade de ter álbuns de família, de visitar retretas, ou quiosques... Até porque foi, a partir de fevereiro de 1992, que o Jornal passou a ser distribuído em comunidades de baixa renda, portanto fora do *habitat* abastado que aceitaria ou rejeitaria atividades que lhes seriam próprias. Evidencia-se, a partir dessas contradições – em que o discurso do Jornal se afasta da realidade da maioria do seu público – o fato de o discurso possuir muitas dimensões. Um lapso na língua... e pronto: tais contradições se mostram, evidenciando que o sujeito assujeitado pela ideologia é também o sujeito do inconsciente: do ato-falho, da palavra “deformada”, “truncada”, que, nesse caso, é um sujeito burguês e deixou isso transparecer claramente na Sd 2. Chama-nos a atenção, ainda, a formulação do final da Sd 2: *quem saia da dieta para recomeçá-la após o ano novo...* Sair da dieta nos suscita memórias que, também, não faziam parte da realidade do empobrecido nessa época. Se o leitor pobre não tinha o que comer fartamente, como ele pensaria na possibilidade de fazer dieta? Comer em demasia no Natal fazia parte, somente, do universo dos mais favorecidos. Tais dizeres nos mostram que não estamos no controle do nosso dizer, algo nos foge, escapa-nos e é por isso que o Jornal acaba-se dirigindo a si mesmo e aos seus e não à totalidade dos leitores para quem se propôs a escrever.



Logo concluímos, a partir da análise dessas duas sequências discursivas que o discurso do Jornal não se desidentifica com a Formação Discursiva católica, no entanto sua relação provoca pontos de tensão dentro dela ao contrariar a posição oficial da Igreja. Assim como tal discurso não deixa de apresentar contradições que os leva para caminhos inesperados. Isso ocorre quando vemos no discurso do Igreja Nova a presença do discurso burguês.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FUCHS, Catherine; PÊCHEUX, Michel. **A** propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectiva (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, SP: edUFSCar, 2009.

GRIGOLETTO, Evandra. *Sob o rótulo do novo, a presença do velho: análise do funcionamento da repetição e das relações divino/temporal no discurso da renovação carismática católica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

\_\_\_\_\_. A Memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Lendro (Org.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

*JORNAL IGREJA NOVA*. Recife. 1991-1998.

PÊCHEUX, Michel. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Organizadores: Françoise Gadet; Tony Hak. 4ed. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2010.

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4ed. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2009.

\_\_\_\_\_. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. 5ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2008.